

T 0659

ALEPH 2867
REY CLI 0

CORREIO DO POVO

KAPUTT

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Agora mesmo os governos dêsse mundo mais importante, que é o das grandes potências, beberam em Genebra as taças cordiais. Houve orações, mais solenes que os grandes discursos, pelo momento, pela significação que a simplicidade mais direta de suas palavras continham. Pois conversa-se cada vez mais em termos de realidade, nesta aguda fronteira da história onde as bases autênticas da vida universal não podem mais ser camufladas. E' preciso falar em realidades não raro desagradáveis, mas fala-se. Ficam assim, de longe, os homens que não entram no baile, mas apenas observam, mais confiantes. Estamos encarando com ódio qualquer possibilidade de guerra.

Entretanto, há qualquer coisa dentro de nós que nos arrasta para a contemplação do horror. Os homens tapam a cara com as mãos, para não ver, mas os dedos ficam entreabertos. Pelos intervalos dêsses pequenos tentáculos pessoais, espiamos o espetáculo e nossos olhos clandestinos gozam o choque. Assim como num drama de rua, quando a vida sem nome fica de repente sob o metal de um automóvel, o crânio aberto, a máscara vermelha que já nem respira. Há sempre a voz cautelosa dizendo: não olha, que horror! Mas o demônio interior dos homens pensa em fugir e chega perto. Os olhos querem ver e não querem. Acabam vendo e recolhendo para o resto do dia o sentimento da morte e a presença já náusea.

Esse escritor italiano ambíguo e rico de talento, que é Curcio Malaparte, explorou as consequências particulares da guerra, o que fica para cada homem em mutilação ou momento de morte, como nenhum outro. E o público do mundo tem aproveitado sua obra co-

mo a fresta pela qual os olhos podem entrar em contato quase tátil com o horror do animal homem rebaixado à sua condição de número nos combates. Somos todos contra a guerra realmente, mas queremos espiar e ver aquela coisa sem nome que fica depois, palpitando, do outro lado do sacrifício coletivo. Cultivamos uma covardia que nos horroriza, e contemplamos de camarote o circo e as feras, e talvez no fundo o que mais nos impressione nisto tudo seja o sentimento de nossa própria tendência, êsse desejo de ser santo que possuímos bem no fundo, e que nos surpreende quando nos obriga, através de um movimento guloso, a procurar o escândalo dos espetáculos.

Poderia parecer que agora, depois de uma experiência tão repugnante, o nosso apetite procurasse, pelo menos em literatura, outras fontes de excitação. Mas não é isso que acontece. E o Malaparte de "Kaputt" deve ser um dos livros mais procurados, com as suas recordações da guerra, das quais se poderia dizer tão vivas, tão bem feitas, tão naturais, que parece que a gente está mesmo vendo aquelas execuções, aquelas tanques ardendo e os homens no desespero da morte, aquelas explosões depois das quais ficam braços anônimos pelo chão, cabeças sem dono, botas que os vivos se apressam em guardar para seu uso pessoal. Parece que estamos sentindo o cheiro daquele campo, dois dias depois do combate.

Mas já estamos encarando a guerra como uma coisa odiosa, e começamos a falar uma outra língua, mais próxima da realidade. Embora continue a haver homens demais no mundo, o que talvez seja um dos dados essenciais da grande equação que ainda não conseguimos resolver...